

A microscopic image showing several spherical virus particles. The particles have a textured, granular surface and are arranged in a somewhat circular pattern. The background is a warm, golden-yellow color with a mottled, organic texture.

Daiane Pereira

O vírus da morte



Era tarde de sexta-feira, 25/06/2021, quando Joaquim sentiu-se mal pelo segundo dia e acompanhado de sua filha Lara, procurou o hospital onde mora. Sua vida saudável e o fato de jogar futebol afastava a ideia de se tratar de alguma doença grave, já que não pertencia ao grupo de risco, por isso não houve a preocupação inicial. Ele apresentava tosse forte, febre e a saturação baixa, em torno de 78. O médico imediatamente o encaminhou para hospitalização, e logo vinha em seus pensamentos que sua irmã havia morrido há exatos 2 meses, de uma forma repentina, pela mesma doença que agora ele passara, a Covid.

“A sensação é de que respirava dentro d’água. Pior, que se afogava no seco, como peixe ofegando fora do rio. Sufocamento, dor lancinante nos pulmões encharcados. Falta de ar, desconforto, redução da consciência, agitação e confusão. Não sabia por que, mas lembrei-me das aulas de química analítica na universidade, havia tanto tempo. As imagens iam e vinham. Odor de enxofre, estanho ou manganês, não soube precisar. Tinha que adivinhar a substância pela cor, ora verde, ora azul violácea, rosa, carmim ou fumo. Não via sentido no orgulho de conhecimentos inúteis, sob as piadas infames de jovens iniciantes e orgulhosos pela recente aprovação no vestibular da Federal. Ainda mais agora que sentia frio. Muito frio.

A febre persistia há quatro dias. Tosse seca, cefaleia, diarreia, perda de olfato, astenia. Nunca se sentira tão fraco.



Procurava apreender cada palavra em busca da compreensão de seu mal. Uma doença mortal, certamente. Sorologia, acianótico, sialorreia, sepse, plaquetas, coagulograma. Aquele palavreado dito assim, solenemente, não podia indicar boa coisa. Talvez tenha se contaminado com aquela substância, cujo nome não se lembrava mais.

Em sua mente desconexa percebeu que a ordem partira do homem de branco com óculos grandes, aos ser virado em decúbito ventral, sobre o colchão desconfortável. Seus olhos apareceram esbugalhados como jabuticabas, entre os fundos de garrafa e a testa proeminente, enquanto anunciava:

Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo, por Pneumonia viral, provavelmente. Faça uma TC! — ordenou convicto o infectologista. Coloque em prona

A doença avançando e o fator psicológico tomando conta, a piora da falta de ar e a saturação cada vez baixando mais, Joaquim é transferido para a Unidade de Terapia Intensiva onde foi entubado. Ali começava a saga de Joaquim lutando por sua vida. "Levei um susto muito grande, estava em casa, de repente estava indo para a UTI. Chorei, mandei mensagem para a minha família, eu nem havia visto minha esposa naquele dia, pois ela saiu muito cedo para trabalhar e eu havia cochilado naquele momento, mas nem cheguei a processar toda aquela informação porque foi tudo muito rápido", lembrou.



Teria ouvido tratar-se de um vírus? Ou estaria delirando? Uma doença pandêmica? Não importava. A fadiga tornou-se insuportável. Literalmente estava chupando o ar em busca da molécula de oxigênio salvadora. Sentia o respirar como caminhar sobre os poços, ou pelas veredas ilhadas no sertão Cerrado. Não conseguia usufruir da beleza dos buritizais por medo das sucuris, jacarés e espinhos de tucuns. Como fora se contaminar com enxofre?

Joaquim teve o quadro de sua doença agravado ainda mais após pegar uma bactéria no hospital, deixando-o entre a vida e a morte. Os médicos tiveram dificuldade com a sedação, “me deram a maior quantidade e não estava pegando. Achei que não iria sobreviver.”

"Acredito que tinha passado dessa vida"

Sentia sede. Sentia frio. Sentia medo e ansiedade. Desejava coçar a traqueia, mas não tinha forças. Cada respiração era uma dor, um ai, a cianose tomara-lhe mãos e pés. Não sabia se dormia ou se acordara. Seria assim a morte? Ou estaria no purgatório, prestes a passar para a vida? Que raios de purgatório era esse com azitromicina, midazolam, noradrenalina e fentanil? Que vida era aquela com gente usando máscaras com medo de pandemia?

Ele relembra que os dias de internação entubado eram longos já que sentia que estava consciente. Joaquim conta que



escutava com clareza as vozes dos médicos e chegou a duvidar que ainda estivesse vivo. "Quando entravam na sala e chamavam meu nome, na hora eu abria o olho, eu estava com muita vontade de entender o que estava acontecendo, estava com muita força ainda. Sabe o filme 'A Cabana', foi meio parecido. Tive várias situações onde acredito que tenha passado dessa vida para outra e renasci, minha situação era gravíssima. Deus falou que tinha muita gente clamando pela minha recuperação e as orações me ajudariam a voltar. Uma história muito maluca que só eu acredito o que passei", relembrou emocionado.

Aos poucos os médicos foram diminuindo a sedação para tentar acordá-lo. "Eu achei que ele estava melhorando". Continuava no respirador mecânico porque seus pulmões não suportavam respirar sozinho. No dia 13 de agosto conseguiram tirar a sedação, mas teve duas paradas cardíacas. No dia seguinte, Joaquim teve mais uma parada cardíaca que o descompensou totalmente. A partir dessa noite, ele começou a piorar. Ele já não abria os olhos, apático, inconsciente.

Já não sente aflição. O ar fresco dos campos, o aroma das flores que lhe penetram as narinas, como um sopro de vida, ou de morte. Ouve o canto do pássaros. Já pode andar livremente pelas ruas, ver o balançar das folhas das árvores, das nuvens de borboletas, sentindo o roçar das flores, sem medo de sycuris, jacarés e espinhos de tucuns. Livre de máscaras e da peste.